

A dor que me consome O disciplinamento dos sentimentos nas FARC

Jesus Izquierdo

Recebido: 01.06.2014

Aprovado: 05.07.2014

Resumo: Este trabalho faz parte de uma ampla pesquisa realizada pelo autor em torno do processo de formação do *habitus* guerreiro no movimento guerrilheiro colombiano FARC. Para abordar o universo guerrilheiro utilizou-se uma abordagem qualitativa, na qual se combinaram entrevistas, histórias de vida, observação indireta e análise documental. Mediante o uso de um instrumental teórico que destaca elementos da antropologia e da sociologia das emoções, do corpo e do conflito foram abordadas questões voltadas à dinâmica das emoções, do corpo, das diversas práticas de violência física, da normalização e dos processos disciplinares ativados no interior da guerrilha. Se a manifestação dos sentimentos resulta de processos específicos de socialização, é pertinente questionar: quais são as peculiaridades da dinâmica emocional dos membros das FARC? O conteúdo deste trabalho está orientado a responder a esse e outros questionamentos. **Palavras-Chave:** violência, conflito social, emoções, instituição disciplinar

170

A linguagem emocional de cada pessoa está permeada pelas formas de expressão afetivas preestabelecidas pelo contexto social ao qual pertence. A definição dessas formas de expressão depende, em grande medida, da maneira como cada grupo humano percebe a vida. Nas FARC, a vida é vista como força de resistência social, usada para lutar contra aqueles que são apontados como inimigos. Sua conservação dependerá do poder de ataque e defesa desenvolvido por cada um de seus

membros. Para estimular a capacidade de luta física no meio do conflito armado colombiano, o grupo desenhou uma estrutura de vida em comum regida por códigos de conduta que delimitam as possibilidades de expressão de pensamentos e sentimentos dos guerrilheiros. Com a aplicação desses códigos, o grupo pretende formar em seus integrantes uma estrutura humana treinada para desenvolver atividades militares compatíveis com o espírito revolucionário que o norteia.

No desenrolar de ações militares, ferir, restar ferido ou, se necessário, matar o opositor é visto como um fato recorrente na vida guerrilheira, e não como algo extraordinário. Guerrilheiros não tiram férias. Atividades de treinamento, planejamento ou execução de combates contra os inimigos fazem parte do seu cotidiano. E é na rotina desse cotidiano que eles vão desenvolvendo o *habitus*¹ guerreiro que caracteriza o grupo. Pela ativação de mecanismos coletivos de coação, os combatentes desenvolvem atitudes que os revelam intolerantes com as pretensões individuais dos outros “companheiros”, implacáveis com as limitações próprias de sua condição humana, cuidadosos observadores dos interesses coletivos, determinados no combate e hostis a tudo aquilo que possa ser considerado pelo grupo como desprezível.

Na guerrilha, revelar-se física ou emocionalmente fraco significa correr o risco de ser estigmatizado e, posteriormente, desprezado pela coletividade, dado que ao grupo só interessam aqueles que correspondem às suas exigências. As interações entre “companheiros” são marcadas pela severidade no trato e pelo elevado controle emocional. Ali não há margem para manifestações

afetivas de delicadeza ou ternura. Assim, num período de tempo prolongado, manifestações de pensamentos, comportamentos e sentimentos adquirem os traços característicos ligados a uma ordem social regida por padrões militares.

A observação empírica da vida humana ajuda-nos a perceber que, embora os sentimentos estejam ligados à intimidade individual, a maneira como são manifestados denota características próprias de um contexto social específico. Assim, a dinâmica dos sentimentos não pode ser vista como algo estritamente individual, nem como reflexo de uma força coletiva, e sim como uma realidade individual e social. Face à vida coletiva, é perceptível que as etapas de transformação social sejam ocasionadas por ações humanas emergidas de fortes impulsos emocionais. A intervenção dos sentimentos na vida humana tem força para desencadear ou alterar o curso de um processo histórico.

No caso do conflito armado colombiano, é de observar-se que este não teria sobrevivido por tantos anos se as pessoas que nele estão diretamente envolvidas não fossem assistidas pelos mais variados impulsos anímicos. É possível que esses impulsos anímicos se tenham fortalecido pelo alongamento e pela multiplicação de cadeias de interdependência entre grupos rivais, pelo agravamento de tensões e conflitos específicos e, sem dúvida, pela ação de dispositivos disciplinares. Assim, ódio aos inimigos, amor à pátria, medo das ameaças, desconfiança dos outros, fidelidade ao grupo e vários outros sentimentos encontram estímulo e sustento na dinâmica da vida guerrilheira. De outra sorte, sentimentos como a dor, o sofrimento, a tristeza, a saudade, o ciúme, a inveja, o medo e tantos outros que possam interferir negativamente na vida em comum são minguados pela incidência dos códigos de conduta, uma vez que não são convenientes às lutas revolucionárias.

¹*Habitus* é uma noção antiga, usada originariamente sob o nome de *hexis* no pensamento aristotélico. Aparece na época medieval, na *Summa Theologiae* de Tomás de Aquino, traduzido no latim como *habitus* (particípio passado do verbo *haver* que designa ter ou possuir). Embora tenha sido usado por diversos autores, foi Pierre Bourdieu, na década de sessenta, quem o conceituou com maior precisão, na tentativa de forjar uma teoria que permitisse desconstruir a oposição latente nas diversas tradições de pensamento entre objetivismo e subjetivismo. O referido autor entende por *habitus* um sistema de disposições duráveis e intransponíveis que integra as experiências passadas de um indivíduo e o leva a perceber, a julgar e a agir em sintonia com a ordem social onde ele está inserido. Cf. Esboço de uma teoria da prática. Precedido de três estudos de etnologia Kabila. Oeiras: Celta, 1972.

A dinâmica emocional dos guerrilheiros não tem importância na experimentação de tal ou qual sentimento. A ênfase que o grupo dá a esse fato recai nas ações que cada um deles pode desencadear. Inserido no seio de uma vida comunitária regida por fortes traços militares, espera-se do guerrilheiro desapego da família e das coisas materiais, disposição e coragem para o confronto armado, obediência às normas e fidelidade à causa revolucionária. No processo de inserção na guerrilha, a formação do *'homem revolucionário'* só será alcançada quando o indivíduo consiga incorporar o *habitus* que caracteriza o grupo e construa nele seu orgulho, amor-próprio e distinção social.

A gente se prende a essas ideias

Um guerrilheiro afirmava:

Na guerrilha, a gente sofre, passa fome, arrisca a vida, mas vale a pena fazê-lo. A gente se sacrifica por amor à pátria, à família, ao futuro de nossas crianças. A esperança de mudar este país é o que dá força para perseverar na luta. O quê mais pode justificar que a gente se mantenha na organização? Salário a gente não tem, nem sequer a família pode ver. O comprometimento da gente é por amor mesmo.

Sofrer, lutar, ter esperança... são atributos que dão destaque a um ser humano e o abrilhantam com o mérito de possuir um espírito altruísta.

Ser altruísta é desvencilhar-se de qualquer ranço de egoísmo e dispor-se a cuidar dos interesses de outrem; é colocar em primeiro lugar, na ordem das prioridades pessoais, o bem dos outros. A exaltação de valores cívicos, que transcendem o mero subjetivismo, é um recurso que reforça os vínculos de unidade em torno da causa revolucionária. Os líderes guerrilheiros apelam ao altruísmo para que a força desse sentimento suscite o apoio popular e evite que suas propostas se reduzam a meras intenções.

Em seu discurso, os líderes guerrilheiros afirmam que suas lutas se dão pela defesa da soberania nacional, pela execução de um processo de reforma agrária que solucione os problemas da população camponesa, por uma distribuição de renda mais equitativa, enfim, por uma série de objetivos de ordem eminentemente impessoal, que visam ao bem-estar do povo. Entretanto, na busca da consecução desses objetivos, através da luta armada, a vida dos guerrilheiros é colocada em risco. Para tanto, os combatentes precisam estar sempre motivados para conservar o moral em alto. É nesse fato que o altruísmo alcança importância. Embora a dinâmica das emoções esteja ligada à ordem da intimidade pessoal, é preciso que socialmente se cultivem sentimentos que gerem disposições internas capazes de levar um indivíduo a lutar por objetivos ligados a uma ordem impessoal. Mas a mera motivação não basta. Para que ninguém desista de ser um "artífice da revolução", os líderes do movimento têm desenhado uma série de coerções. Algumas evidentes, como o aparelho disciplinar; outras sutis, como menções honrosas, promoções nas posições de poder e discursos envolventes.

De fato, tal como o percebi em algumas entrevistas, a estratégia mais utilizada pelos líderes é a de motivar os guerrilheiros, mediante um discurso bem articulado, a redescobrirem sua dignidade e a se sentirem motivados a defendê-la. Discursos empolgantes, como aqueles que atualizam as lutas revolucionárias no mundo ou aqueles que trazem à memória as lutas populares que deram origem à guerrilha colombiana. Lembrar fatos heróicos do passado é importante para que os combatentes de hoje se encorajem a seguir esse exemplo. Nas FARC-EP, falar dos "heróis de Marquetalia"² é quase uma

²A batalha de Marquetalia ocorrida em 1964 é comentada em todos os seus detalhes nos diversos momentos de formação política, e

ordem. Comentava o comandante Ivan Rios:

A atitude do pessoal de Marquetalia foi uma atitude de dignidade, de assumir o que estavam fazendo e não submeter-se às exigências do outro numa inferioridade total de condições. E esse gesto se entende porque os marquetalianos não são simplesmente os que começaram aí, senão os que deram continuidade, os combatentes que se vinculam hoje. Muita gente se vincula por dignidade. (Ferro/Uribe, 2002, p. 35).

Sendo quase a totalidade de guerrilheiros de origem camponesa, pobres e excluídos, palavras como essas são eloquentes. Dialogando com alguns guerrilheiros, percebi que, para muitos deles, é motivo de honra pertencer às FARC-EP e participar das lutas pelo resgate da dignidade dos excluídos da pátria.

No recrutamento de novos componentes, proferem-se discursos que exaltam a luta armada em defesa da transformação do país. O auditório para tais discursos é, usualmente, composto por uma platéia fragilizada pela pobreza e pela exclusão social. O resultado não pode ser outro: a acolhida do convite para engrossar as fileiras do Exército do Povo. Eis o contexto no qual o altruísmo adquire importância sociológica, porquanto possibilita que no indivíduo confluem os interesses pelos quais luta o grupo. A engrenagem e a sobrevivência do grupo dependem, em grande medida, do esforço dos líderes por disseminar os interesses coletivos na multiplicidade de guerrilheiros por eles comandados. O *habitus* guerreiro se revela quando os interesses coletivos são incorporados pelo indivíduo, e quando cada guerrilheiro, instado a lutar por causas coletivas, se dispõe a abdicar de

quando isso acontece os guerrilheiros são obrigados a escutar as narrativas referentes a esse fato em posição de sentido. Há ainda a condecoração da *Ordem de Marquetalia*, reservada aos guerrilheiros que demonstrem de forma excepcional fidelidade ao movimento.

projetos pessoais e a fazer qualquer sacrifício para manter-se fiel àquilo que, sendo patrimônio de muitos, é considerado e zelado como se fosse próprio.

Dizia a ex-guerrilheira Dora:

A gente se entrega absolutamente a essa história da guerra [...], é incondicional com ela, cego, não lhe importa nada [...]. A gente se entrega com alegria, não sente que está renunciando a tudo, a formar uma família, a viver junto de um namorado, a estar perto da mãe [...]. A gente se prende a essas ideias (Lara, 2001, p.37).

Quando na variedade das manifestações afetivas o altruísmo passa a ocupar o lugar preponderante na vida do guerrilheiro, o resultado mais imediato é que esse fato poupa o combatente de dilemas e conflitos pessoais. Movido pela paixão ao movimento, o guerrilheiro se dispõe a cuidar dos ideais revolucionários sem se sentir interiormente dividido pela interferência de outros sentimentos de ordem mais subjetiva, como o amor à família, o zelo pelo trabalho, o desejo de sucesso profissional ou a ambição de acumular capital. Nessa substituição de interesses é onde o altruísmo reflete todo o seu esplendor.

Contudo, o amor à causa revolucionária, a entrega generosa às lutas populares e tantas outras moções com o mesmo teor altruísta não são o elo mais consistente para garantir vínculos duradouros. Lembrando seu ingresso na vida guerrilheira, um ex-combatente dizia para mim:

No dia que me entregaram a arma, me disseram que era para defender a pátria, para lutar pelos pobres, para que ninguém passasse fome. Eu me emocionei. Quase que chorei. Mas, depois de algum tempo, comecei a sentir-me cansado de fazer todos os dias a mesma coisa. Sentia falta dos amigos e das coisas que gostava de fazer quando morava em minha casa.

Os sentimentos mudam. A emoção dos primórdios, com o passar do tempo, pode tornar-se tédio. Nada é mais volátil do que a afeição humana, e

os líderes da guerrilha sabem disso. Nas trilhas da revolução, se o altruísmo ou outros sentimentos motivadores perdem sua força, as consequências poderão ser desastrosas, porque a desmotivação individual minguará o furor combativo do grupo. O altruísmo manifestado na forma do amor, da amizade, do patriotismo ou do sentimento do dever social pode dar vida a importantes processos coletivos. Mas apostar em sua eficácia é arriscado, dado que ele está sujeito às vicissitudes da vida interior. Quando a intensidade do altruísmo diminui, em razão da unidade coletiva torna-se necessário para o grupo estimular outros sentimentos que também favoreçam a vida comunitária. Nessa linha de pensamento, é oportuno destacar o valor sociológico da fidelidade.

Sabe-se que na guerrilha as interações entre seus membros se dão numa relação de dominação/submissão. O grupo tem planos estratégicos traçados a longo prazo e uma estrutura política e militar bem precisa para zelar pela concreção desses planos. O grupo é estável, correspondendo a cada novo combatente o dever de adaptar-se a ele. Nesse processo de adaptação, são desconsiderados planos, projetos e anseios pessoais da vida pregressa do indivíduo. A ruptura com o passado pessoal é inevitável. A vida em comum preestabelecida pelo grupo prevalecerá sobre as saudades do guerrilheiro, porque o ingresso de cada indivíduo é para dar continuidade ao processo revolucionário, e não para alterar seu curso. Em virtude disso, em mais de quarenta anos de existência, as FARC-EP têm conservado os traços organizacionais que as caracterizaram desde suas origens.

Através da fidelidade, a instabilidade interior das pessoas cede espaço a uma participação mais firme e duradoura no grupo. Com uma estrutura de poder estável, objetivos definidos e códigos rígidos de conduta, esse grupo perdura e se afirma acima do ritmo

subjetivo dos indivíduos que o integram. A vida emocional tem incontáveis modificações, oscilações e entrelaçamentos. Mas a estabilidade do grupo não se vê afetada por isso, porque a fidelidade constitui a ponte, o meio de conciliação daquele dualismo essencial e profundo que se abre entre a pluralidade de sentimentos íntimos e a participação do indivíduo no tecido social. O guerrilheiro pode estar triste, com medo, inseguro, porém, a fidelidade leva-o a obedecer à ordem dada pelo seu líder.

Ódio para quem nos odeia

Seja para se defender ou para atacar, não há dúvida de que os líderes guerrilheiros têm mostrado extraordinária habilidade para estimular, nos combatentes, sentimentos adequados a diversas circunstâncias. Existe melhor estímulo para uma luta física que o fato de odiar o opositor? Mas como um guerrilheiro pode odiar um empresário capitalista, um soldado das forças do Estado ou algum membro de um grupo paramilitar se nem os conhece? O ódio ao qual me refiro não é pessoal, esse sentimento corresponde à esfera do social. De fato, o “ódio social”³ é a rejeição que padece um grupo ou alguns de seus membros porque suas ações atingem outro grupo que se posiciona como opositor. Tal rejeição não se justifica em razão de motivos pessoais, senão no sentido de que o outro significa uma ameaça para a existência da coletividade que se quer proteger. Sem dúvida, o “ódio social” é um dos sentimentos que mais têm impelido os guerrilheiros a se resguardarem de grupos inimigos com firmeza e determinação. Odiar membros de grupos inimigos, não por razões pessoais, mas por significarem um perigo à

174

³Para uma melhor compreensão do conceito de “ódio social” podem se ler os trabalhos de Simmel (1977, pp. 289-296) e o artigo L’Agressivité de Freund (1982, pgs., 131-142).

existência da própria coletividade, tornou-se uma estratégia sociológica extraordinária de auto-afirmação guerrilheira. Na rede de interações entre grupos opostos, partindo do princípio de que o “ódio social” é recíproco entre os contendores, o antagonismo entre eles se agrava, deflagrando as mútuas agressões e abrindo curso a uma sucessão de confrontos e embates sem um fim previsível.

O ódio aos grupos inimigos é construído socialmente e incentivado no decorrer da vida guerrilheira. Nas palavras de Ernesto, *El Che Guevara*, o ódio social na guerrilha deve ser racionalmente cultivado pelos líderes para renovar o furor combativo das tropas revolucionárias. *El Che* dizia:

O ódio como fator de luta; o ódio intransigente ao inimigo impulsiona o ser humano além de suas limitações naturais e o converte numa efetiva, violenta, seletiva e fria máquina de matar. Nossos soldados têm que ser assim; um povo sem ódio não pode triunfar sobre um inimigo brutal. Há que levar a guerra até onde o inimigo a leve: a sua casa, a seus lugares de diversão; fazê-la total. Há que impedi-lo de ter um minuto de tranquilidade, um minuto de sossego fora de seus quartéis, e ainda dentro dos mesmos: atacá-lo onde quer que se encontre; fazê-lo se sentir uma fera assediada por cada lugar que transite. Então seu moral irá decaindo. Tornar-se-á mais brutal ainda, mas se notará que se assomam os sinais de sua decadência⁴.

Ouvindo diversas experiências do processo de formação ministrado aos guerrilheiros, percebi que o desenvolvimento desse sentimento acontece, principalmente, pela influência de um conteúdo discursivo que reafirma duas realidades excludentes entre si. No primeiro momento, o acento recai sobre a razão de ser das lutas populares. Nele, o indivíduo é levado a olhar para seu grupo e a reconhecer a grandeza das

façanhas coletivas, a galhardia daqueles que foram seus membros e que legaram um exemplo de coragem e fidelidade à revolução. Exaltam-se a nobreza de suas lutas e a singularidade de sua coragem. No segundo momento, o grupo aponta aqueles que são considerados culpados pela estagnação política, econômica e cultural do povo colombiano, e conclama sua disposição para lutar e para transformar esse estado de dominação e de abuso de poder que impera no país. Dessa forma, reafirmando os valores da guerrilha e denunciando os atropelos das elites dominantes, é perceptível que a intenção dos argumentos seja a de instigar sentimentos de aversão, de forma a que os guerrilheiros se sintam motivados a descarregar suas paixões e a reparar a burla engendrada pelos “opressores da pátria”.

Se for verdade que nossas atitudes dependem, em grande medida, do conhecimento que temos do passado, e que as nossas imagens do passado servem, frequentemente, para justificar a ordem social presente, não é de estranhar que os guerrilheiros não oponham resistência aos pareceres de seus líderes. Como já se sabe, a grande maioria dos combatentes possui um histórico de vida marcado pela pobreza, pela lida na terra e pela falta de oportunidades de ascensão social. Para eles é simples entender o discurso e dar seu beneplácito, como se fosse uma consequência lógica a necessidade de resistir às agressões dos indigitados inimigos.

Tomado pelo ódio, o combatente mantém um sentimento de repulsa por aqueles que o grupo aponta como seus inimigos. Essa rejeição se exprime em discursos, falas, memórias ou manifestações artísticas, como exemplifica o seguinte poema guerrilheiro diz:

Tu, um bravo da força brutal/ Soldado militar/ tu que és um Sansão/ e queres acabar com aqueles que não o são/ Tu que me foste entregar/ Sem nenhuma razão à autoridade/ Se te acabaram esses dias de glória/ Nos quais maltratavas

⁴Em discurso publicado na Revista Tricontinental, Suplemento Especial. Havana, 16 de abril de 1967.

peças inocentes/ Agora estamos aqui,
somos um povo armado/ Que procura-
mos a justiça/ Arrasando o malvado/
Buscamos o bravo e aquele que nos
ofendeu⁵.

O inimigo é sempre descrito como um perigo, uma presença que se deve repudiar e o repúdio do inimigo afirma no guerrilheiro sua identidade revolucionária, reforça a autoconfiança em seu potencial bélico e lhe permite experimentar certo contentamento com sua condição de membro de um grupo de resistência social. Embora o “ódio social”, como todo sentimento, seja experimentado por um indivíduo determinado, uma vez disseminados seus efeitos nos guerrilheiros, ele se torna um componente fundamental para articular estratégias e projetos que só beneficiam o grupo, passando a ser uma das formas através das quais a guerrilha tem conseguido manter em suas fileiras tantos homens e mulheres dispostos a arriscar tudo pela causa revolucionária. Sem a implantação do ódio no coração do guerrilheiro, o conflito armado na Colômbia não teria a mesma vivacidade, nem os grupos manteriam a mesma relação de coerção mútua que os define, reafirma e vitaliza.

Aqui está tudo bem

Na guerrilha, o sigilo impera. O conhecimento da dinâmica coletiva é condicionado ao lugar que o indivíduo ocupa na distribuição dos cargos de poder da organização. Aquilo que é de interesse comum, e que não compromete a integridade do grupo, é comentado e comunicado abertamente. No entanto, as ações militares que dão vida e conteúdo à existência coletiva, embora sejam de interesse comum, quase sempre ficam reservadas ao conhecimento dos comandantes. Só eles conhecem os

planos gerais das ações militares. A participação dos guerrilheiros rasos justifica-se pela força individual que aportam às ações combativas. Eles são informados com poucas horas de antecedência, e em tom imperativo são distribuídas as responsabilidades para executar tal ou qual operação. Instados a participar de uma determinada ação, não têm direito a contestação. Suas opiniões ou motivações são sempre desconsideradas pelos comandantes.

Dessa sorte, na arte da guerra, a habilidade para lidar com o que é confidencial contribui sobremaneira para alcançar o sucesso militar, dado que este depende da capacidade de atacar de surpresa, estratégia que só pode funcionar pelo encobrimento dos detalhes das ações. Para assegurar o sucesso das ações militares, na guerrilha a informação estratégica sempre fica amparada pelo conhecimento de poucos. Ainda que pela ocasião do ingresso o indivíduo manifeste sua inteira disposição para entregar-se ao grupo, isso não basta para tornar-se totalmente confiável e ter acesso a todas as informações sobre o funcionamento do grupo.

Sob o olhar das FARC, tal como está inscrito no Estatuto, o guerrilheiro possui “caráter revolucionário, elevada moral e honestidade exemplar”. No entanto, no andamento da vida cotidiana, o tratamento disciplinar que o grupo dá a seus membros é rígido, porque a imagem do homem revolucionário, traçada no Estatuto, não é mais que uma aspiração ideal. Na prática, o guerrilheiro é visto como um homem volátil, no estado intermédio da entrega total que o grupo espera. Se o comprometimento com a causa revolucionária fosse pleno, não haveria razões para guardar segredos nem estabelecer dispositivos disciplinares. Mas apelar para esse tipo de artifícios é conveniente, porque em virtude da faculdade de pensar, que é tão própria dos seres humanos, cada indivíduo é suspeito por excelência. Essa sus-

⁵Tomado do Cântico “Soldado Brabucón”, da Frente Guerrilheira Comuneros del Sur, em fita cassete divulgada sob o título “Busqueda”.

peita não pode ser evitada até mesmo pela conduta exemplar demonstrada no dia-a-dia da vida guerrilheira, dado que a capacidade de pensar implica também, ainda que hipoteticamente, a possibilidade de mudar de ideia. E é esse fato que dá sustento ao sigilo e, conseqüentemente, que justifica a desconfiança espalhada nas interações sociais entre os guerrilheiros.

O processo de inserção na guerrilha é rápido. Desde o início, o calouro participa de diversas atividades: treinamentos militares, cumprimento dos horários e execução de funções a ele encomendadas pelo chefe imediato. No fluxo incessante da rotina diária, a vida corre depressa, o tempo é curto e o controle das mais diversas atividades absorve a atenção e o cuidado dos comandantes. Quando ingressa um novo integrante, as possibilidades de inquérito sobre sua vida pregressa são escassas, assim como também o fato de apurar a veracidade dos dados fornecidos torna-se inviável. O perigo está em que membros de grupos inimigos se infiltrem na guerrilha. Para evitar riscos, a falta de confirmação das informações prestadas é suprida pela suspeita generalizada.

A suspeita que caracteriza a vida em comum encontra seu fundamento na hipótese de existir infiltrados do Estado dentro da organização, de possíveis traições, da ocorrência de delações que possam colocar em risco a estabilidade e o futuro do grupo⁶. A desconfiança,

⁶Em comunicado do Exército Nacional, veiculado pela imprensa em 17 de janeiro de 2000, e a partir de depoimentos dados por 53 guerrilheiros desertores das FARC-EP, em 1999 foram assassinados 300 guerrilheiros como resultado de uma “faxina” interna ocasionada pela suspeita de que as vítimas poderiam tornar-se futuros delatores. Informações como essa são veiculadas frequentemente pela mídia. Contudo, a “faxina” mais notória foi a que aconteceu em meados de 1986, em Tacueyo. Javier Delgado, comandante do grupo guerrilheiro que operava na região, chamou a imprensa para informar que tinha executado 158 “infiltrados” do Exército.

como atributo pessoal, é desenvolvida pelo guerrilheiro quase sempre por coação do líder. Dialogando com alguns guerrilheiros, era comum ouvi-los afirmar que, depois do ingresso, o comandante os chamava para indagá-los sobre sua vida pessoal e orientá-los sobre a forma discreta que deveriam seguir para relacionar-se com os outros “companheiros”.

Orientado a guardar segredos, o guerrilheiro tem como desafio lidar com a incessante interação social na estreita relação a que é submetido na vida cotidiana. A distribuição dos espaços nos acampamentos guerrilheiros força o contato físico constante. A divisão do trabalho impede que os combatentes assumam atitudes de indiferença mútua. No cerco comunitário, passar despercebido torna-se impossível. Assim, obrigado a comunicar-se com reserva, o guerrilheiro passa a agir de forma racional, calculada e metódica perante os demais membros do grupo. No entanto, esses traços de comportamento não são estáveis. Na experiência do trabalho de campo, dialogar com guerrilheiros presos sob a condição de voluntário, cujo único interesse era facilitar a vida deles na cadeia, propiciou um clima de espontaneidade a partir do qual eles deixaram fluir experiências de vida que, segundo meu entendimento, nunca seriam partilhadas com aqueles que foram seus “companheiros”. Com estranhos ou com

Para dar mais veracidade a essa informação, apresentou seis homens para serem executados perante os jornalistas convocados. O comandante Delgado afirmou: “Fico orgulhoso de ser o chefe de uma organização que tem executado 158 assassinos do nosso povo”. E concluiu suas declarações dizendo: “Estou cansado de matar tanto filho da puta” (Ramirez/Restrepo, 1998, p.246). A justiça estatal, depois de ter investigado o caso, concluiu que a causa da suspeita era simplesmente a coincidência dos jovens assassinados usarem um escapulário, o que se explica pelo fato de que todos eram camponeses do Estado del Valle, região de fortes manifestações de religiosidade católica popular.

aqueles com quem não partilham nenhum tipo de interesse, prevalece a confiança para dividir pedaços de intimidade pessoal.

Expor abertamente a intimidade, dividir pensamentos e/ou sentimentos de maneira espontânea com os companheiros de luta significa tornar-se vulnerável e correr o sério risco de suscitar desconfiança nos outros. Por exemplo, o guerrilheiro não pode dizer que está triste ou desmotivado. Na guerrilha, chama-se *'desmoralização insuperável'* aquele estado de tristeza profunda e de falta de motivação para atender às exigências militares. Para o grupo, quem entra nesse estado ou dá sinais dele está manifestando os sintomas de uma possível *'deserção consciente'*. Como dizia para mim um guerrilheiro:

No começo, ficava meio pensativo, cabisbaixo... Aí o pessoal começou a zombar comigo. Um dia o comandante me chamou para conversar. Fez para mim um monte de perguntas. No final me olhou sério e me disse que tivesse cuidado com o que pensava fazer. Depois um companheiro me falou: 'cara, aqui é proibido ficar triste. Quando o pessoal fica triste é porque quer ir embora'. Fiquei com medo de que o comandante tivesse pensado que eu quisesse fugir. Eu levei o maior susto, porque não esperam que a gente vá embora. Eles matam antes. Depois disso, mesmo que ficasse triste, eu tentava mostrar para os outros que comigo estava tudo bem.

Chorar, ficar triste, reclamar da vida e tantas outras manifestações emocionais que denotem fragilidade são vistas como inadequadas para um guerrilheiro. Depoimentos como o anterior permitem-nos ver como a desconfiança torna-se um meio eficaz de coerção social.

Sem medo para lutar

A vida do guerrilheiro não foge à regra da condição humana. Para ele, os indivíduos que o rodeiam representam o seu universo social, a sua reali-

dade objetiva. Na ordem das relações sociais, eles ocupam o lugar do imediato. Sendo assim, não é de surpreender que para construir seu universo interior de representações e para projetar-se socialmente o guerrilheiro se condicione aos limites colocados pelo grupo, à dinâmica das interdependências e a tudo aquilo que decorre da mera existência dos outros.

As representações do guerrilheiro são elaboradas a partir da experiência da vida em comum. Tais representações se tornam subsídio para organizar e fazer compreensível a si mesmo aquilo que acontece em sua vida interior. Se observarmos o procedimento do grupo, não seria difícil entender o porquê das ações e a singularidade das formas de manifestar pensamentos e sentimentos do guerrilheiro. Pode ser que nossa percepção imediata capte indivíduos independentes, que agem com autonomia, mas, partindo de uma análise mais aprofundada, poderemos perceber que em cada indivíduo se manifestam os traços característicos do grupo, assim como no grupo, de alguma maneira, os traços guerreiros do indivíduo se refletem.

Nada melhor para evidenciar os efeitos da simbiose do indivíduo com seu grupo do que a forma desenvolvida pelos guerrilheiros para administrar o sentimento de medo. No mundo da guerra, a administração dos medos humanos tem significativa importância, pois dela depende o nível de poder que o grupo exerce sobre seus membros bem como sobre seus inimigos. Os guerrilheiros temem os castigos do grupo e os inimigos temem os ataques militares dos guerrilheiros. Assim, é compreensível que a administração dos medos humanos seja uma das mais importantes fontes de poder sobre as pessoas.

A depender das circunstâncias varia a forma como o grupo coage o guerrilheiro para lidar com o medo. Nos

embates, espera-se um guerrilheiro disposto para a luta e desprovido de perturbações emocionais que comprometam seu desempenho. Frente ao inimigo, o medo inibe a coragem. Embora seja o indivíduo que experimente tais sentimentos no âmago de sua intimidade, o grupo, mediante o uso de diversas práticas coercitivas, não poupa esforços para instigá-lo a vencer as limitações decorrentes do medo. Foi isso o que aconteceu com Adriana, nos começos de sua vida guerrilheira:

Tive um combate sete semanas depois do meu ingresso. Eu estava muito assustada. O ataque era contra os *paras* [para-militares]. Matamos sete. Eles mataram um dos nossos. Tínhamos que beber do seu sangue para vencer o medo. Tinham que fazê-lo somente os mais assustados, e eu era a mais assustada de todos, porque era a mais nova⁷.

É possível que casos como esse sejam únicos ou eventuais, mas o que se pretende destacar é que na vida cotidiana dos guerrilheiros o grupo faz uso de diversos mecanismos coercitivos que, embora menos drásticos, buscam o mesmo objetivo. Piadas, expressões irônicas, apelidos e qualquer tipo de zombaria reforçam o cerco do grupo sobre o indivíduo, acuando-o para que lide com seus medos, para que lute como se eles não existissem. Não se trata de exorcizar os medos, o que interessa ao grupo é que estes não sejam obstáculo à disposição combativa do guerrilheiro. O indivíduo pode sentir-se fraco, mas o grupo deve mostrar fortaleza.

No campo de guerra o medo representa um papel importante. Suscitar medo no guerrilheiro pode também servir para instigar seus mais profundos instintos de sobrevivência. Nessa perspectiva, os comandantes colocam em destaque a vulnerabilidade da existência humana. Quase todos os guerrilheiros

entrevistados lembravam do afinco do líder, nos momentos de formação, em lembrar a capacidade de destruição que possuem os inimigos da guerrilha. Mediante a eloquência de um discurso bélico, aparentemente baseado em dados reais, ele reforçava o sentimento de medo a ponto de levar o guerrilheiro a prestar o máximo de atenção em cada ação realizada. Para eles, o cuidado excessivo na execução das tarefas rotineiras é o segredo para anular qualquer margem de possibilidade de se tornar vítima dos ataques inimigos.

Há também um outro discurso cuja intenção é provocar o efeito inverso: o medo da morte. Antes de entrar em combate, o líder reúne os membros do grupo e, com palavras inflamadas, tenta inebriá-los de coragem, enaltecendo a bravura de cada combatente. Para entrar no campo de batalha, é necessário que todos se sintam heróis absolutos, valentes guerreiros, verdadeiros soldados do Exército Popular, que lutam para realizar sua missão histórica: a de derrotar a exclusão social no país. A exaltação da coragem e da capacidade de combate pode produzir equilíbrio interior e um sentimento ideal de poder que dá sustentação à vontade de luta e antecipa a sensação de vitória. Mas a empolgação de poucos não é suficiente. O ideal é que o líder consiga contagiar todos os guerreiros por ele comandados de sentimentos que desencadeiem atitudes de força. O grupo só poderá revelar seu poder quando fizer com que todos os guerrilheiros caminhem sob o mesmo ritmo nos meandros da revolução. Como fazer com que um grupo funcione com certa harmonia, se as características pessoais de seus membros são tão diversas?

Na guerrilha, para favorecer a coerção grupal nos combates, os comandantes parecem apostar mais na eficácia do medo do que no poder da persuasão. De fato, as relações de poder encontram no medo um aliado eficiente

⁷ In: HUMAN RIGHTS WATCH, 2004:122.

para se estabelecer. Sem o medo como facilitador dessas relações, a estabilidade coletiva correria o risco de pulverizar-se. Assim, para que essa engrenagem coletiva se mantenha, os líderes do grupo se ocupam em caprichar na rigidez das normas e em dar visibilidade aos castigos. As ordens devem ser sempre obedecidas. Na guerrilha, a possibilidade de desobedecer é sempre derrotada pelo medo do castigo. Um advogado que participou do julgamento de vários guerrilheiros presos em combate afirmava que diante dos fatos “criminosos” a eles imputados, a resposta de todos era genérica: “eu obedecia ordens”. Dessa forma, eles manifestaram o quanto estavam movidos por coerções externas que, na maioria dos casos, aniquilavam qualquer opção de escolha pessoal.

As saudades do guerreiro

Lembrando seus primeiros dias na guerrilha, Rosa Flor me contou:

Quando cheguei ao acampamento, não fazia outra coisa senão chorar. Chorava muito. Um cara se aproximou de mim e me disse: ‘meninos não choram’. Fiquei com raiva e falei para ele: ‘eu não sou menino’. Sentia-me muito mal. Não parava de pensar em minha mãe e na aflição que ela deveria estar passando porque eu não voltei mais para casa.

No começo da pesquisa de campo, a primeira impressão que ficou para mim foi de que a guerra faz dos guerrilheiros pessoas extremamente racionais, introvertidas, pouco sociáveis, afetivamente menos calorosas e muito desconfiadas. A rejeição à tristeza de Rosa Flor por parte de seu companheiro poderia confirmar essa impressão. No entanto, na medida em que consegui estabelecer um contato mais próximo, pude percebê-los como seres sensíveis, ávidos de afeto e carentes de relações humanas.

Em consequência do rigor das normas, as relações sociais no mundo

guerrilheiro parecem perder seu brilho. Cada combatente convive com estranhos, e esse fato é inevitável: para cada um deles, o grupo é seu único referencial de convivência humana, dado que todos os vínculos sociais preexistentes à inserção no grupo foram rompidos. Embora não exista uma proibição geral manifesta, só se permite estabelecer contato com a família sob a permissão do chefe imediato. Contudo, quando indagados sobre as visitas familiares, quase todos os entrevistados manifestavam que depois do ingresso na guerrilha nunca mais retornaram às suas casas nem conseguiram manter algum tipo de comunicação com seus parentes e amigos.

O fato de regular os vínculos afetivos externos tornou-se um instrumento eficaz para favorecer a coesão interna do grupo. Além de oferecer maiores garantias de segurança e proteção para o grupo, romper com os vínculos afetivos familiares e/ou sociais alheios à guerrilha contribui significativamente para desencadear um processo de interdependência mútua entre os membros do grupo. Sem opções de escolha, é com os companheiros que integram o grupo que os guerrilheiros dividem as tarefas, assumem compromissos, partilham alegrias e tristezas e tecem novos relacionamentos, sejam eles conjugais ou de amizade. Estreitados no dia-a-dia do conflito armado, os vínculos afetivos entre os guerrilheiros duram enquanto integram a mesma *Esquadra*. A vontade individual não conta no momento de cultivar as amizades, ela fica sujeita à força das circunstâncias, à duração da permanência dos envolvidos no grupo que os congrega. Embora a organização prevaleça, as unidades pequenas que formam sua base são mutantes. Elas se alteram, entre outras causas, pelos constantes deslocamentos, pela periódica reestruturação interna, pelas deserções ocasionais e pela súbita morte nos combates.

O cultivo de relações amorosas no contexto da guerra sempre experimentará percalços. A primeira dificuldade com a qual os amantes terão que aprender a lidar são as normas do grupo. De fato, assim como todas as suas manifestações vitais, a vida afetiva e sexual do guerrilheiro é submetida às exigências das normas. Em grupos como a guerrilha, integrados por homens e mulheres que vivem nas mesmas condições, repartem entre si as tarefas da vida em comum e habitam o mesmo espaço, para manter a ordem e a disciplina será necessário que se apliquem severas medidas de aproximação e de distanciamento entre as pessoas. A rigidez dos horários, a divisão de funções, a primazia do coletivo sobre o individual, entre outras características dessa vida em comum, tornam-se para os guerrilheiros coerções que regulam as interações mútuas.

Na guerrilha não há normas explícitas para determinar os comportamentos sexuais de seus membros. Na aparência, o exercício da sexualidade é totalmente liberado. Na prática, o grupo, através de normas implícitas, cerca-o de cuidados, induzindo o guerrilheiro a exercer sua sexualidade sob o domínio de novos padrões de comportamento, os quais diferem em muito daqueles adquiridos através da experiência familiar e social. Desde o início, o guerrilheiro percebe que o autocontrole emocional deve ser compatível com a sua nova condição e com o modelo de vida em comum. Cedo ele aprende que da submissão radical às normas depende a possibilidade de estabelecer um relacionamento afetivo. A depender das carências afetivas, o guerrilheiro aguça o nível de controle de seus instintos e, no convívio cotidiano, ele assume o desafio de racionalizar a necessidade de amar e de sentir-se amado.

A regulação da vida cotidiana dá um matiz de racionalidade à condução das relações amorosas. Os condiciona-

mentos do grupo interferem claramente no exercício da sexualidade, e o ápice dessa interferência se expressa na eliminação drástica da fecundidade feminina. Embora não se estipule nas normas, é prática frequente na guerrilha obrigar as mulheres, mesmo as que não possuem companheiro sexual, a usar algum método contraceptivo⁸. O objetivo dessa medida implícita é evitar a procriação. Mas isso não significa dizer que a maternidade seja negada à mulher guerrilheira. Pelo contrário, a maternidade é exaltada como um dos maiores valores do universo feminino. A diferença é que, na guerrilha, a maternidade adquire um sentido mais “sublime”, o qual transcende a mera dimensão biológica. A mulher guerrilheira é convidada a ser mãe, mas mãe da “nova Colômbia”, por ela gerada através da abnegação e entrega corajosa à causa revolucionária.

Num Cartão Postal divulgado pelas FARC-EP por ocasião do dia das mães, em 09 de maio de 2004, pode-se ler: “Mães na luta pelos filhos do seu povo/ Mães da liberdade que levam o fuzil no ombro/ E o futuro no colo/ Mães da liberdade que com sua ternura vêm arando a paz”. É essa dimensão “simbólica” da maternidade que a mulher guerrilheira é convidada a vivenciar. Nas FARC-EP, a quase totalidade das mulheres combatentes é de origem camponesa. Embora a maternidade biológica, no imaginário da mulher cam-

181

⁸Rosa Flor afirmou que conheceu garotas que ingressaram com doze anos de idade e, mesmo sem ter companheiro sexual, foram obrigadas a usar métodos contraceptivos. Segundo ela, os mais usados são as injeções, comprimidos e, principalmente, o DIU. Essa informação foi verificada com os depoimentos de outros guerrilheiros entrevistados. Também a justiça estatal verificou esse fato depois do ataque militar denominado *Operação Berlin*, liderado pelo Exército contra um grupo guerrilheiro que trafegava pelo nordeste colombiano, em dezembro de 2000. Na necropsia, constatou-se que, das 11 mulheres assassinadas, todas eram menores de 18 anos e 09 usavam o DIU.

ponesa colombiana, seja o bem mais almejado, na guerrilha a possibilidade de engravidar e cuidar de filhos é um evento racionalmente preterido. A causa para isso é simples: no mundo da guerra não há condições adequadas para viver com segurança o período de gravidez, não existem facilidades para cuidar de bebês e, embora não se fale, é obvio que crianças de colo atrapalham a vida de quem está sempre em campanha militar.

Além da impossibilidade de ter filhos, os guerrilheiros também abdicam de projetos de vida conjugal. Mesmo assim, eles não se conformam a viver sem companhia. Embora saibam que na guerra o amor tem prazo de validade, eles não desistem da esperança de curtir um relacionamento, de ter a companhia de outrem para dar sentido aos dias que, sem amor, parecem não passar. Quando perguntei a Rosa Flor o porquê de sua deserção da guerrilha, ela foi precisa em sua resposta:

Passei dois anos, quatro meses e cinco dias na guerrilha. Tive dois namorados. Um foi transferido e nunca mais o vi. O outro, de quem eu mais gostava, dizem que foi morto pelo Exército. Nos últimos meses fiquei sem ninguém, me sentia sozinha e uma vida assim não tem sentido.

Escutando histórias como essa, percebi que no mundo da guerra o amor pode brilhar com todo o seu fulgor e levar quem se sente amado a enxergar a vida com outros olhos. No meio da rotina, o amor é quase um acontecimento mágico, ele preenche os vazios e quebra a monotonia de uma vida gasta na execução de tarefas militares.

O confinamento ao grupo como o único espaço de interação social torna o guerrilheiro mais vulnerável e expectante diante da possibilidade de iniciar algum tipo de relacionamento amoroso. A ação recíproca de unidade ou de distanciamento, o nível de intimidade que caracterizará o tipo de relação entre “camaradas”, terá seu fundamento na imagem que cada qual formará do outro. Mas, dado que a discrição e o res-

guardo são traços característicos dos guerrilheiros, a representação que os parceiros formam um do outro será sempre parcial, porque ainda que o indivíduo comunique sentimentos e pensamentos em suas conversas, nunca o fará sem reservas, sem uma dose de dissimulação. Treinado pelas exigências desse tipo de vida coletiva, o guerrilheiro, em pouco tempo, sabe distinguir o que deve calar, o que deve falar e qual deve ser a proporção na mistura de silêncio e revelação, para conservar no outro, ou nos outros, a imagem adequada do tipo de personalidade que ele quer apresentar. Assim, mesmo que a expectativa dos envolvidos seja usufruir as mais diversas manifestações de amor, o comando das relações afetivas na guerrilha será, na maioria dos casos, incumbência da razão.

A unidade procurada pelos amantes é muito atrapalhada. Atravessados por uma série de interferências, os relacionamentos amorosos, na maioria dos casos, são curtos⁹. A formação de pares é afetada pela desproporção numérica de aproximadamente 70% de homens e 30% de mulheres. As mulheres são muito assediadas, enquanto os homens quase não têm opções de escolha. Mas as dificuldades para formar pares só afetam os guerrilheiros rasos, pois os comandantes quase não encontram obstáculos ao exercer a arte da sedução. Pelo poder que eles ostentam, tornam-se a figura masculina mais atraente do grupo.

Embora ocasional e, às vezes, sem muita intensidade, o amor pelos amigos é um sentimento que pode fortalecer a unidade do grupo e estimular a permanência dos indivíduos nas fileiras

⁹Em depoimento dado pela comandante Olga Lucia Marin, os únicos casos de relacionamentos estáveis que ela conhece dentro das FARC-EP, com mais de um ano de duração, são os de alguns comandantes do *Secretariado Maior Central*. Para ela, manter um relacionamento duradouro entre guerrilheiros não é um fato recorrente (Cf. LARA, 2001:114)

da guerrilha. A lembrança dos momentos vivenciados na companhia dos outros, para muitos ex-guerrilheiros, torna-se a marca que dá sentido e distinção a fragmentos de sua existência nos tempos de guerra. É isso o que afirma a ex-guerrilheira Dora Margarita:

O mais duro da guerra é a morte, a perda dos companheiros. São dores que vão se acumulando. Enquanto se está na luta a gente não é consciente delas. Mas quando para, nos devora a dor de cada morto, de todos os mortos. E o que mais dói é que na vida clandestina devem ser ocultadas as dores, porque são produzidas por mortos estigmatizados. E essa ocultação faz com que as feridas nunca saiam. As dores ficam, elas se eternizam. (Lara, 2001, p. 70).

A perda dos amigos dói porque, para o guerrilheiro, mesmo que seja provisoriamente, de alguma maneira cada amigo preenche o vazio afetivo deixado pela ausência da família e pela ruptura dos elos com a vida social de tempos pretéritos. E desgarrar-se das pessoas queridas é um fato inevitável que intensifica as saudades do guerreiro. A memória dos mortos, a lembrança de acontecimentos passados, reforça em sua consciência as marcas de uma profunda contradição: enquanto seu corpo perambula, desloca-se em diversas direções, seu coração se encontra num lugar fixo, num espaço exato, povoado por gente sedentária, que não sai do lugar. É junto à família que o “camarada” quer estar, é para lá que ele quer voltar. “Quando sair daqui, para onde você gostaria de ir?” - perguntei aos guerrilheiros com os quais falei. A resposta foi iterativa: “eu gostaria de morar perto da minha mãe, junto da minha família...”

Enquanto não chega a hora de voltar para casa, a solidão emerge como um sentimento coletivamente partilhado. Embora seja uma experiência comum à condição humana, a solidão é mais intensa e mais sentida no microcosmo social guerrilheiro. A solidão do

guerrilheiro não se refere à ausência ou à carência de relações sociais, ele a experimenta como o sentimento de estar interiormente só, de perceber que, embora rodeado de muitas pessoas, na maioria dos casos, ninguém possui significado afetivo para ele. Dessa forma, os outros podem fugir, abandoná-lo, traí-lo ou até deixarem de existir que ele não vai sentir a falta, pois, na maioria dos casos, não há nenhum elo emocional que garanta unidade estável entre os combatentes. É na companhia dos outros que a solidão do guerrilheiro se manifesta mais nitidamente.

O guerrilheiro não é ambicioso

Na guerrilha, prima a visão do *homo faber*, do homem produtivo, que não para de realizar ações para serem vistas e valorizadas pelos outros. A auto-imagem que a guerrilha espera ver resplandecer em cada guerrilheiro é a do indivíduo que entende que sua existência deve estar em função dos outros. O lazer, o conforto e qualquer manifestação de busca de uma “vida fácil” é tida como expressão de uma vida burguesa que o grupo insiste em rejeitar.

Com o tempo preenchido na execução de tarefas militares, escasseiam os espaços de ócio para encantar-se com pequenas coisas que poderiam inspirar, no guerrilheiro, sentimentos de cuidado e ternura. Viver um amor, escutar uma música, admirar uma paisagem, enfim, os momentos nos quais ele pode fruir sua sensibilidade são bastante escassos. Quando acontece, o guerrilheiro experimenta a estranha sensação de perceber-se um ser profundamente humano, sem inimigos que o persigam nem rivais a quem deva atacar.

As possibilidades de lazer que o grupo oferece são reduzidas. Atividades físicas como nadar no rio, jogar futebol, dominó ou baralho são tidas como um bálsamo eventual que cura o tédio e quebra a monotonia da rotina militar. Em poucas ocasiões, se as condições do

acampamento permitem, é possível assistir à televisão e curtir filmes de ação. As festas são poucas: natal e o *réveillon*, assim como também o aniversário de fundação das FARC-EP, em 27 de maio. Nesses eventos é permitido dançar e consumir moderadamente bebidas alcoólicas. Além dessas datas, só restam as alegrias que proporcionam os motivos simples do dia-a-dia. Ao ser indagado sobre as boas lembranças do tempo em que esteve na guerrilha, a resposta que recebi de um ex-combatente foi a seguinte: “O que mais lembro é do tempo em que eu era responsável pelas compras do mercantil, era ótimo. Por cada compra que ia fazer na cidade, tomava refrigerante e comia um pacote de bolacha”. Esse desfrute das pequenas coisas, vivido e sentido nos momentos de sossego, de descuido e de distração das ocupações militares foi para ele a melhor porção de sua experiência revolucionária.

A partir da perspectiva guerrilheira, o homem revolucionário é do povo e para o povo. Abnegado, trabalhador e resignado a viver com quase nada. O guerrilheiro deve conformar-se com o ‘essencial’, porque o movimento espera que cada um de seus membros tenha abdicado de todos os desejos humanos, seja um homem livre das correntes do egoísmo e entregue por inteiro à causa revolucionária. Ele espera que o “essencial” seja acolhido com a gratidão de quem recebe uma dádiva. Na visão do grupo, o guerrilheiro verdadeiro não reclama de nada e se alegra com a mera satisfação das necessidades básicas decorrentes de sua condição biológica e de sua ocupação militar: alimentação, roupa e implementos materiais considerados úteis para a sobrevivência nas montanhas colombianas.

Nos diversos espaços de formação, os líderes reforçam a ideia de que o essencial o guerrilheiro raso já possui. Dentro dessa perspectiva, não é concebível estar no grupo movido por interes-

ses outros que não os projetos coletivos. Reclamações pessoais por inconformidade com horários, alimentação, atividades militares ou serviços cotidianos são tidas como manifestações de quem busca viver em padrões de comportamento burguês.

O que o grupo espera do combatente é que ele faça seu dever movido pela mística revolucionária, a qual só enxerga o bem comum e tolhe aspirações individuais. Dizia o comandante guerrilheiro Ivan Rios:

Aqui os incentivos são do tipo moral, aqui não há incentivos de tipo material. Não é porque se destacou numa ação que vou lhe dar uma arma melhor ou será premiado com dinheiro, ou porque se comportou tão bem numa ação que pode ir 15 dias de licença. Nós aqui não temos férias, nem salário, não temos absolutamente nada disso, nem prêmios materiais. (Ferr/Uribe, 2002, p. 88).

Com apreciações como a anterior, os líderes guerrilheiros pretendem purificar as motivações que possam ter seus subalternos para permanecer nas fileiras do grupo. Para eles, ser guerrilheiro é ser um apaixonado pela causa revolucionária, é lutar com afinco contra os inimigos, é viver despojado de qualquer vestígio de vaidade ou de interesse próprio. Ser guerrilheiro é fazer tudo movido pela entrega e compromisso com os projetos coletivos de libertação nacional.

As interações do cotidiano guerrilheiro, a execução de ações militares ou as convicções ideológicas contribuem para a renovação individual do fervor pela guerra revolucionária e reafirmação da opção por esse tipo de vida em comum. Falando sobre sua experiência na guerrilha, a Comandante Melissa descreve-a assim:

Combinava a cozinha com a preparação de palestras sobre a linha política [da guerrilha]. Me ajudava muito dar palestras porque me obrigava a pensar e repensar por que lutávamos. Às vezes entrava em crise por perceber que pobres e ricos lutavam pelo mesmo, pelo dinheiro.

Somente ver os rapazes tão abnegados pela causa, tão dedicados a seu trabalho, tão resignados a dar a vida e tão valentes para trocar tiros com os urubus [policiais] me tirava da depressão. Sofrer com eles a vida me dava alento para continuar em frente. (MOLANO, 1999:72).

Dessa forma, o cerco da vida comunitária reforça a auto-imagem do guerrilheiro como homem batalhador, comprometido e resignado a perseverar nos caminhos da luta armada.

As FARC-EP procuram apresentar-se perante a opinião pública como o paradigma do tipo de sociedade que pretendem formar. A imagem que a guerrilha quer comunicar à sociedade civil é a de ser uma coletividade exemplar, cujo cotidiano está regido pela prática da justiça e da equidade em todas as relações sociais que em torno do grupo se possam estabelecer. No discurso, a guerrilha oferece melhores condições de vida para seus membros do que o Estado para seus cidadãos. Na propaganda guerrilheira, o grupo insiste em apresentar-se como alternativa de vida, como espaço social que oferece condições para a satisfação de aspirações individuais. De fato, os líderes guerrilheiros afirmam que, quem pertence ao grupo, sob nenhum pretexto poderá ser excluído da satisfação plena de suas necessidades básicas. Nessa linha de pensamento, novamente se fazem oportunas as palavras do comandante Ivan Rios:

A gente cuida bem do guerrilheiro. Que esteja contente, que esteja com saúde, que tenha a possibilidade de comer três refeições diárias, que tenha as botas em bom estado, para que também tenha o moral em alta, porque o moral também tem um princípio material, de maneira que você se sente bem, mas se fica doente e ninguém lhe presta atenção, vai embora. Mas na maioria dos casos, o guerrilheiro não está afetado ideologicamente, porque o guerrilheiro no fundo não é ambicioso. (FERRO/URIBE, 2002:90).

Na percepção do comandante, o guerrilheiro dispõe do suficiente para viver. Se ele não possui mais é porque “não é ambicioso”. Dessa forma, a imagem do guerrilheiro que o grupo pretende que cada combatente incorpore é a do homem conformado com o que possui e indiferente àquilo de que sente falta. Na guerrilha, as necessidades individuais parecem ter como sina sua própria negação.

A impossibilidade de satisfazer necessidades pessoais é um fato que atinge todos os combatentes. A carência de bens de consumo ocasiona entre eles um efeito de nivelção. Mas é próprio do ser humano buscar reconhecimento social para experimentar satisfações interiores. Assim, à procura de alcançar certa visibilidade social, emerge no horizonte do guerrilheiro o culto à personalidade. É de se reconhecer que sequer o mais despojado dos homens poderia recusar a possibilidade de sentir-se reconhecido pelos outros, de ser tratado como ser humano que tem valor e dignidade. A estrutura de poder na guerrilha é vertical e as possibilidades de ascensão social são bastante restritas. Só aqueles que têm talento e pulso almejam ocupar um lugar que lhes permita distinguir-se dos outros. Desempenhar funções importantes é o único caminho que resta aos guerrilheiros na tentativa de alcançar visibilidade social. Para tanto, o guerrilheiro terá que extrapolar o instinto de preservação e viver em alto grau de ameaça, ser o primeiro nas frentes de combate, aguçar sua capacidade intelectual para comandar os outros e ter tempo e disciplina para refletir acerca de princípios e metas mais altos e abstratos, com os quais o guerrilheiro raso não costuma lidar.

A conquista desses espaços de visibilidade traz para os comandantes a sensação de ter uma vida plena de significado, a qual é correlata ao seu comprometimento na manutenção da ordem que rege essa coletividade. Mas não se

pode dizer o mesmo do guerrilheiro raso. A distância da família, a falta de autonomia em suas decisões, o medo dos constantes perigos e ameaças, o cansaço físico, enfim, o conjunto de exigências dessa vida militar nem sempre é considerado um fardo fácil de ser suportado. A esse respeito, disse-me um ex-guerrilheiro:

Faz tempo que queria sair, a questão era encontrar a oportunidade. É difícil que ninguém te veja, quase nunca a gente fica só. Você se cansa de perambular de um canto para outro o tempo todo, não tem sossego. Várias vezes tive vontade de sair correndo, de fugir da fila, mas tive medo de que atrasassem e me matassem ou que depois me pegassem.

Pelo que pude perceber, dilemas como o anteriormente descrito são bastante frequentes na vida dos guerrilheiros e difíceis de serem resolvidos. Ficar no grupo implica abdicar dos mais profundos anseios pessoais em favor da manutenção de uma coletividade. Transgredir as normas e correr o risco de desertar nem sempre pode ser uma decisão bem sucedida¹⁰.

Contudo, em decorrência de condições favoráveis criadas pelo Estado, nos últimos anos o índice de deserção das FARC-EP tem aumentado significativamente, fato que nos leva a pensar que Freud¹¹ não estava errado

¹⁰Depois da promulgação do decreto 128, de 2002, cuja finalidade é a de facilitar o processo de desmobilização dos grupos armados. Foram oferecidas garantias de segurança pessoal e amparo socioeconômico para os guerrilheiros desertores. Nos primeiros meses de 2003, desertaram 621 guerrilheiros, número que se elevou a 4337 em 8 de abril de 2006. Instigar a deserção é uma estratégia que fragiliza as FARC-EP, dado que além de perder combatentes, em alguns casos, perde também seus recursos. A partir de um relatório do Ministério da Defesa Nacional, publicado em 14 de novembro de 2013, estima-se que as FARC-EP perderam nos últimos anos mais de um bilhão e 250 milhões de dólares nas mãos de desertores.

¹¹ Ver o comentário de Freud sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos

quando afirmava que a felicidade humana quase sempre vai de encontro a normas e sistemas de coerção inventados pelos homens com o intuito de se controlarem mutuamente. Nos diálogos que tive com ex-guerrilheiros em Bogotá, percebi que, mais do que pela ambição de uma vida burguesa, o que os moveu a desertar foi o desejo de usufruir de uma parcela de autonomia. Muitos saíram cansados, desiludidos das exigências de uma vida rotineira e arriscada, ansiosos por sentirem o prazer de viver em um contexto social mais livre de tensões e por se libertarem do rigor das normas que tolhiam a realização de aspirações individuais.

BIBLIOGRAFIA

ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo. Anti-semitismo. Imperialismo. Totalitarismo.* São Paulo: Companhia das letras, 1989.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social.* 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ELIAS, Norbert. *Os alemães. Rios de Janeiro:* Jorge Zahar Editores, 1997

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir. História da violência nas prisões, 25ª Edição.* Petrópolis: Vozes, 1987.

GUSMAN, German Campos, FALS, Orlando, UMAÑA, Eduardo. *La Violencia en Colombia. Tomos I e II.* Bogotá: Tauros, 2005.

HUMAN RIGHTS WATCH, *Aprenderás a no llorar: Niños combatientes en Colombia.* Bogotá: Impresión Editorial Gente Nueva, 2004.

KERRCKHOFF, Alan e BACK, Kurt. *The fune Bug.* New York: Appleton-Century Crofts, 1968.

Le BRETON, David. *Corps et societes – essai de sociologie et d’anthropologie*

(comunicação preliminar) – 1893, *In Estudos sobre a Histeria.* Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006.

du corps. Paris: Librairie des Meridiens, 1985.

MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

NYLOR R. T. The Insurgent Economy: Black Market Operations of Guerrilha Organizations, em Crime, Law and Social Change, No. 20, Kluwer Academic Publishers, 1993.

PÉCAUT, Daniel. Orden y violencia: Colombia 1930-1954, Vol. I, Bogotá: Siglo Veintiuno Editores, 1987.

SIMMEL, Georg. Sociologia I. Madrid: Biblioteca de la Revista de Occidente, 1977

STAROBINSKI, Jean. As Máscaras da Civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

THOMPSON, Jhon B. Ideologia e Cultura Moderna. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

VON CLAUSEWITZ, Karl. De la guerra. Barcelona: Editorial Mateus, 1972.

Abstract: This work is part of a wider research done by the author about the process of the warrior *habitus* in the guerrilla Colombian movement called FARC. We used a qualitative approach to study this guerrilla universe, in which we combined interviews, histories of life, indirect observation and documental analysis. Following theoretical approaches in the field of emotional anthropology and sociology, such as body and varied physical practices of violence, as a result of disciplinary norms and processes in the interior of the guerrilla group. We question whether the feelings manifestations are the result of specific processes of socialization and which are the peculiarities of these FARC members emotional dynamics? The content of this research will be able to answer these questions. **Keywords:** violence, social conflict, emotions, disciplinary institution.

